

PRECISAMOS DE UM ADÃO HISTÓRICO! UMA AVALIAÇÃO DO ARGUMENTO DE N. T. WRIGHT SOBRE A HISTORICIDADE DE ADÃO E A INTERPRETAÇÃO DE ROMANOS 5:12-21

WE DO NEED A HISTORICAL ADAM!: AN EVALUATION OF N. T. WRIGHT'S ARGUMENT ON THE HISTORICITY OF ADAM AND THE INTERPRETATION OF ROMANS 5:12-21

✉ Clacir Virmes Junior¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo avaliar o argumento apresentado por N. T. Wright para a interpretação de Romanos 5:12-21 conforme ele o desenvolve em seu livro *Surpreendido pelas Escrituras*, uma compilação de algumas de suas palestras. No segundo capítulo deste livro, Wright pergunta se há real necessidade de um Adão histórico para a compreensão de Romanos 5:12-21. Para o autor, é necessária uma interpretação teológica do texto, o que significa entendê-lo não somente à luz do que o próprio texto tem a dizer, mas a partir também da ciência e outros aportes. Assim, este artigo avalia seu argumento, que gira em torno da questão da autoridade das Escrituras, da datação dos livros do Antigo Testamento e da tentativa de fazer sentido das conclusões dadas pelo evolucionismo. A crítica à sua argumentação parte de uma análise da perspectiva adventista sobre a autoridade das Escrituras, da avaliação crítica sobre a crítica das fontes e do impasse entre o método científico, e sua metanarrativa evolucionista. e o método teológico, e sua metanarrativa criacionista. Por fim, demonstra, através de um breve estudo exegético, a importância do Adão histórico para o argumento paulino em Romanos 5:12-21.

1. Mestre em Ciências das Religiões (UFPB, 2015) e Pós-graduado em Teologia (SALT-FADBA, 2014). Professor de Novo Testamento (SALT/FADBA).

* Autor correspondente: clacir.junior@adventista.edu.br

Submissão: 05/2020

Aceite: 03/2020

Como citar

VIRMES JUNIOR, C. Precisamos de um Adão histórico!: uma avaliação do argumento de N. T. Wright sobre a historicidade de Adão e a interpretação de Romanos 5:12-21. *Práxis Teológica*, v. 18, n. 1, p. e1563, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2022v18n1.e1563>

PALAVRAS-CHAVE: N. T. Wright. Romanos 5:12-21. Adão.

ABSTRACT: This article aims to evaluate the argument presented by N. T. Wright regarding the interpretation of Romans 5:12-21 as it is developed in his book *Surprised by Scripture*, a compilation of some of his lectures. In the second chapter of this book, Wright asks if there is real necessity of a historical Adam to understand Romans 5:12-21. To him, what is needed is a theological interpretation of the text, which means to understand it in light not only of the text itself, but through science and other sources. So, this article evaluates his argument, which evolves around the question of Scriptures authority, the date of the Old Testament books and the attempt to make sense of the conclusions given by evolutionism. The critic towards his argument goes from an analysis of the authority of Scriptures from a Adventist perspective, from a critical evaluation of the source criticism, and from the realization of the impasse between the scientific method, and its evolutionist metanarrative, on one hand, and the theological method, and its creationist metanarrative, on the other. At the end, this article shows, through a brief exegetical study, the importance of the historical Adam to the Pauline argument in Romans 5:12-21.

KEYWORDS: N. T. Wright. Romans 5:12-21. Adam.

N. T. Wright é considerado por muitos o C. S. Lewis do século 21 ([BYASSEEE, 2014, p. 38](#)). Wright é um nome importante para o estudo do Novo Testamento em geral e da literatura paulina em particular. Para Yinger ([2011, p. 27](#)), ele é uma peça importante no movimento conhecido como “Nova Perspectiva sobre Paulo”. Além de líder da Igreja Anglicana, Wright é considerado um erudito cristão prolífico, tendo escrito mais de 30 obras voltadas para a teologia bíblica ([BYASSEEE, 2014, p. 43](#)).

O livro *Surpreendido pelas Escrituras*¹, de N. T. Wright ([2015](#)), é uma compilação de várias palestras dadas pelo autor nas quais ele tenta fazer um diálogo entre seus estudos no Novo Testamento e outras áreas, como, por exemplo, ciência e política. O segundo capítulo da obra tem como título uma pergunta: “Precisamos de um Adão histórico?” e é fruto de uma preleção realizada na Fundação BioLogos², em Nova York, no ano de 2013. Nele, Wright ([2015, p. 35-48](#)) tenta dar uma possível solução ao impasse entre a visão bíblica e os avanços científicos quanto à origem do homem.

O objetivo deste artigo é avaliar o argumento de N. T. Wright sobre a historicidade de Adão, uma vez que sua argumentação implica em uma interpretação teológica de Romanos 5:12-21³ diferente daquela que usualmente é defendida. Em primeiro lugar, delineamos sua linha de raciocínio destacando seus pontos principais. Em seguida, esboçamos uma crítica ao seu argumento desde uma perspectiva cristã comprometida com a inspiração da Bíblia e sua cosmovisão criacionista. Por fim, oferecemos um breve estudo exegético de Romanos 5:12-21 e do papel de Adão na argumentação de Paulo.

A ARGUMENTAÇÃO DE N. T. WRIGHT

Logo após uma breve introdução, Wright ([2015, p. 36-41](#)) faz um resumo de seu posicionamento sobre a autoridade das Escrituras conforme ele o delineou em seu livro *Scripture and the*

1 O título original da obra é *Surprised by Scripture* (WRIGHT, 2014).

2 Uma instituição dedicada a fomentar o diálogo entre a fé cristã e o evolucionismo (BIOLOGOS, 2017).

3 Wright faz uma exegese completa do texto no volume 10 do *The new interpreter's Bible* (WRIGHT, 2002), ao qual não tivemos acesso direto. Segundo Venema (2005, p. 40-41), nesta obra Wright reconhece que provavelmente Paulo cria que houve um primeiro casal, histórico, ao mesmo tempo em que tinha acesso às interpretações míticas e metafóricas do relato de Gênesis. Ainda de acordo com Venema (2005, p. 55), Wright, neste texto, deixa a questão da historicidade do primeiro Adão na obscuridade, não definindo claramente seu posicionamento. Portanto, é possível que o pensamento de Wright tenha mudado no intervalo entre uma obra e outra. Este artigo se baseia unicamente na argumentação apresentada pelo autor no capítulo de *Surpreendido pelas Escrituras* que é discutido aqui.

authority of God (WRIGHT, 2005). Em sua visão, a expressão “autoridade das Escrituras” precisa ser qualificada. Ela serve bem como o encapsulamento de um conceito, mas isso pode levar a um desvirtuamento do seu real significado. Para Wright (2015, p. 37, grifo do autor), a “expressão autoridade das Escrituras só pode, em sua melhor forma, ser uma chave da autoridade de Deus em Jesus, mediada pelas Escrituras”.

Wright (2015, p. 37) então se pergunta sobre qual é o propósito da autoridade de Deus. Para o autor, a autoridade de Deus estabelece Seu reino sobre a terra, o plano inicial que foi desfeito com a entrada do pecado conforme descrito em Gênesis. Deus não provê seu povo com informações confiáveis sobre vários assuntos. Antes, informa a humanidade de que Ele está retomando Seu domínio sobre a criação e isso através dAquele que realmente pode levar à cabo este plano: Jesus. E através dEle, Deus prepara Seus seguidores para se tornarem mordomos fieis no novo mundo tornado possível através de Cristo.

Neste ponto, é interessante que Wright (2015, p. 38) volta-se para a ideia de que todas as gerações de estudantes da Bíblia precisam tomar sobre seus ombros a tarefa de estudar e compreender a Bíblia. Em outras palavras, a tarefa de interpretar o texto não é estática, mas dinâmica, convocando o povo de Deus em cada momento histórico a engajar-se com as Escrituras em busca de respostas para sua geração. E aqui o autor declara que os livros bíblicos devem ser lidos em seu contexto histórico, ou seja, dentro do contexto no qual foram escritos. Esse é um conceito importante para a “Nova Perspectiva sobre Paulo”. Na obra que é considerada o marco inicial deste novo desenvolvimento nos estudos paulinos, Sanders (1977) convida a uma releitura de Paulo contra o que ele entendeu ser o real pano de fundo histórico e religioso dos dias do apóstolo, o que levaria a uma melhor avaliação da teologia paulina. Wright parece fazer o mesmo apelo aqui, o que, ironicamente, como veremos adiante, parece corroborar contra a própria tese que ele pretende defender em seu texto.

Para Wright (2015, p. 39) o centro da teologia bíblica é a vinda do reino de Deus. Cremos e regras de fé, para ele, apesar de corretos, obliteram essa mensagem central das Escrituras. As abordagens ortodoxas clássicas, ditas canônicas, frequentemente esquecem que na vida, morte e ressurreição de Jesus, Deus O tornou rei no céu e na terra. Nas palavras de Wright (2015, p. 39), se “não estamos recebendo essa mensagem bíblica, não estamos lendo a Bíblia, mas, sim, permitindo que nossas tradições venham à tona em um texto que tenta nos dizer algo mais”.

A teoria da terra-jovem, para Wright (2015, p. 40), é inconcebível uma vez que a teologia da vinda do reino de Deus é obliterada por este posicionamento. Ainda que polidamente, o autor descarta a visão literal⁴ de Gênesis uma vez que “o Evolucionismo com E maiúsculo, que produziu uma inflação metafísica a partir de uma hipótese comprovada sobre o mundo físico e que levou a uma visão naturalista do mundo [...] expôs um flanco que, talvez, precisava ser exposto” (2015, p. 40, grifo do autor). Ou seja, os achados da ciência comprovaram uma verdade que precisa ser acomodada pela teologia cristã.

A primeira parte da argumentação de Wright, portanto, se dá sobre três pressupostos. O primeiro é a ideia da autoridade das Escrituras. Na visão do autor, pelo menos até onde conseguimos traçar, as Escrituras parecem ter uma autoridade limitada ou que necessita ser informada por outras fontes de saber. Em segundo lugar, houve desenvolvimentos na ciência que expuseram uma fragilidade da teologia cristã e agora estas descobertas precisam ser incorporadas à maneira como entendemos a narrativa da criação, queda e redenção. Por fim, Wright tem um centro unificador para toda a teologia, o conceito do “reino de Deus”. Para ele, tudo deve ser visto sob o prisma desse conceito todo-abrangente.

4 Estou usando o termo aqui no sentido de tomar o relato de Gênesis 1-3 por seu valor de face, apesar de Wright usar o termo “literalista”.

Neste contexto, as discussões de Paulo em Romanos 5 e 1 Coríntios 15 são importantes. Wright (2015, p. 41) descreve como aqueles que fazem uma leitura literal de Gênesis entendem os textos paulinos. O argumento é simples: sem um Adão histórico, os textos de Romanos e 1 Coríntios, particularmente, ficam sem sentido. Mas, Wright contende que Paulo não está fazendo uma discussão sobre a soteriologia, pelo menos não no sentido tradicional. Na verdade, para ele, a argumentação paulina é que o chamado de Israel e o chamado de Adão são paralelos e explicam a menção ao pai da humanidade na discussão de Paulo.

Para Wright (2015, p. 41), o ponto central da epístola aos Romanos não é como ser salvo. O clímax está em Romanos 8:17-26 onde a renovação de toda a criação é descrita. Na visão do autor, o que Paulo está tentando dizer é que, por causa da obra de Cristo, o mundo todo é a terra santa. Na Queda, o homem atrapalhou os planos de Deus para toda a criação. Em Cristo, os seres humanos voltam ao ideal de Deus e ajudam agora a criação a voltar ao seu projeto original.

Neste momento, o autor chega ao ponto alto de sua argumentação. Apesar de não ser uma exegese completa, como o próprio autor destaca, em traços gerais Wright esboça sua compreensão sobre a real discussão de Romanos 5:12-21. No verso 17, Paulo declara: “Se, pela ofensa de um só, a morte reinou por meio dele” e, Wright (2015, p. 42, grifo do autor) explica:

Esperamos que ele [Paulo] continue: “Muito mais reinará a vida por meio de único homem, Jesus Cristo”. Todavia, ele não continua dessa maneira. Ele diz: “Muito mais o que recebem a abundância da graça, da dádiva de fazer parte da aliança, de ‘estarem no direito’, reinarão em vida por meio do único homem Jesus, o Messias”. O pecado de Adão não só significava que ele havia morrido, mas que já não reinava sobre o mundo. A criação de Deus deveria funcionar por meio da mordomia humana, e, em vez disso, passou a produzir mato e espinho. Agora, os seres humanos são redimidos para colocarem o projeto da criação de Deus de volta nos eixos, e a palavra para isso é reinado, “regendo”, *basileuein* em grego, ou, simplificando, “reino”. A teologia adâmica de Paulo também é sua teologia do reino, e o autor de Gênesis teria sorrido ao reconhecê-la. O versículo 21 aponta fortemente na mesma direção. A graça reina por meio da justiça até a vida da era que há de vir. Deus corrige as pessoas para que, por meio delas, possa corrigir o mundo. Justificar pela fé é corrigir antecipadamente as pessoas para que, por meio delas, o mundo possa ser corrigido.

Em seguida, Wright faz um breve comentário sobre 1 Coríntios 15:20-28, que, em resumo, diz que Deus colocou a criação sob o domínio dos seres humanos, mas eles estragaram Seu propósito para ela. Contudo, Jesus recobrou o domínio perdido e colocou o projeto de volta no rumo certo. Nas palavras de Wright (2015, p. 43, grifo do autor), a sua grande conclusão da perspectiva paulina sobre Adão nos dois textos é esta:

O que realmente quero dizer sobre Paulo e Adão é que não adiantará simplesmente recorrer a Paulo e dizer: “Veja, ele acredita em Adão! Isso prova nossa leitura literal de Gênesis”. O que aparece é justamente o fato de que a tradição não lê nem Paulo, nem Gênesis; todo o argumento paulino é extrair de Gênesis a noção do chamado de Adão e mostrar que ele se cumpriu no messias. Enquanto não colocarmos isso no centro, não seremos obedientes à autoridade dos textos bíblicos principais.

A partir daqui, Wright se volta para o conceito de imagem de Deus em Gênesis. Em sua concepção, a “imagem é uma vocação, um chamado. É o chamado para ser um espelho angular, refletindo a sábia ordem de Deus para o mundo e os louvores de toda a criação para o Criador” (WRIGHT, 2015, p. 43, grifo do autor). Em outras palavras, a imagem de Deus na humanidade

não é um dom que é dado aos seres humanos, mas um chamado para serem sacerdotes de Deus no grande templo da sua criação.

Com esse conceito de “imagem de Deus”, Wright (2015, p. 44) continua sua argumentação postulando que há uma continuidade entre a ordem dada a Adão e a ordem dada a Abraão⁵. A ordem para Adão de que ele se multiplicasse aparece na promessa a Abraão para que ele seja frutífero e se multiplique. Assim, em Abraão, Israel é chamado para levar avante o plano de Deus: ser o instrumento para resgatar a raça humana e continuar o propósito divino instituído na Criação.

Crucial para o argumento do autor aqui é a datação do Pentateuco. Wright (2015, p. 45), declara:

Não sei quando Gênesis chegou à sua forma final. Alguns ainda querem associá-lo a Moisés; outros insistem em que foi, pelo menos, editado durante o exílio. Seja qual for a visão que você tenha sobre isso, os judeus do período do segundo templo não tinham dificuldade para decifrar a história de Adão como uma versão anterior de sua própria história: ele [Adão] foi colocado no jardim, o lugar onde Deus queria descansar e exercer seu governo soberano, e recebeu o encargo de cuidar dele; foi advertido a cumprir o mandamento e avisado especificamente que descumpri-lo significava morte e exílio. Tudo parece muito, muito familiar.

Assim, temos dois argumentos articulados aqui. O primeiro é que o significado da expressão “imagem de Deus” deve ser equalizado com a ideia de vocação, chamado; poderíamos dizer, inclusive, eleição. O segundo, com base numa crítica a autoria mosaica do Pentateuco, defende que a teologia da criação seja, de alguma maneira, subordinada à teologia da eleição de Israel como povo escolhido. Especialmente datando Gênesis no período do Segundo Templo, a história de Adão serviria ao propósito de confirmar a teologia maior de que o reino de Deus deveria ser estabelecido por Israel, mas não o foi.

Aqui entra em cena a tese de Wright (2015, p. 45, grifo do autor): “assim como Deus escolheu Israel dentre toda a humanidade para uma vocação especial, singular e exigente, talvez⁶ o que Gênesis esteja dizendo é que Deus escolheu um casal dentre os primeiros hominídeos para uma vocação especial, singular e exigente”. Esse primeiro casal hipotético, continua Wright, foi chamado para ser o representante de toda a raça humana. Deus, por meio deles, iria expandir Seu reino. Se falhassem, a morte que já estava presente no mundo os traria também. Assim, na visão de Wright, a morte já estava presente quando Adão e Eva são chamados para carregarem a imagem de Deus.

Sua proposta vai além. Ele propõe que a advertência de Gênesis 2 seja lida assim: “no dia em que comerem dela [do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal], vocês também morrerão” (WRIGHT, 2015, p. 45, grifo do autor). Ao se voltarem para a criação ao invés do Criador, esse primeiro casal estaria apenas escolhendo não refletir a vida vinda de Deus e sim refletir a morte que já estava vigente ao seu redor.

Deixemos o autor resumir sua argumentação:

O problema de Israel é que ele é chamado a ser um meio de Deus para resgatar o mundo, mas é, também, parte do problema de Adão para o qual deveria dar a solução. De forma similar – não exatamente paralela, mas similar –, Adão e Eva são escolhidos para levar adiante os propósitos do Criador de uma nova dimensão de vida. Caso falhassem – se renunciassem à sua vocação como portadores da imagem divina e

5 Uso o nome “Abraão” de maneira proléptica, apesar de, no contexto de Gênesis 12, Abraão ainda ser chamado de Abrão.

6 Grifo meu aqui.

seguissem o canto da sereia dos elementos do caos ainda dentro da criação –, passariam a compartilhar a entropia que constitui parte da criação até o momento. E eles falharam ([WRIGHT, 2015, p. 46](#)).

Podemos sumarizar o argumento de N. T. Wright como segue. As Escrituras têm uma autoridade limitada, uma vez que a grande fonte de autoridade é Deus. Sendo assim, o conhecimento do mundo criado por Deus que vem de outras fontes deve ser levado em conta. Dado que o grande centro teológico das Escrituras é o estabelecimento do reino de Deus, a história da criação é, na verdade, a história da eleição de dois hominídeos para levarem à efeito o propósito divino de tornar o mundo criado o seu reino. Como Israel, Adão falhou, mas Cristo venceu e, agora, através de sua vida, morte e ressurreição, a humanidade pode novamente levar adiante os planos de Deus para a instauração de Seu reino no mundo. Esse é o coração da argumentação de Paulo em Romanos 5:12-21 e 1 Coríntios 15:20-28.

Delineamos nesta seção a argumentação de N. T. Wright. Em seguida, passamos a uma avaliação de sua argumentação desde uma perspectiva cristã que considera as Escrituras desde o pressuposto *sola scriptura* da Reforma e um comprometimento com o relato da Criação e da Queda conforme exposto em Gênesis 1-3. Depois, traçaremos brevemente a argumentação de Paulo em Romanos 5:12-21 e o papel de Adão em sua exposição.

UMA AVALIAÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO DE N. T. WRIGHT

A primeira questão que precisamos enfrentar em relação ao argumento de Wright é seu posicionamento em relação à autoridade das Escrituras. O conceito de que toda autoridade está centrada em Deus é inegável. Contudo, a relação entre a autoridade de Deus e de Sua Palavra é diferente, pelo menos do ponto de vista cristão que leva em conta a doutrina da inspiração das Escrituras. Ao invés de ser mais uma fonte de conhecimento, a Bíblia é o filtro pelo qual todo o conhecimento é testado, toda a experiência avaliada ([DAVIDSON, 2011, p. 70-71](#)). Uma vez que ela é fruto da atividade criativa de Deus através do ministério de profetas e apóstolos, ela tem autoridade acima da razão e da ciência.

O relacionamento entre a autoridade de Deus, a dos autores bíblicos e, por consequência, dos escritos bíblicos é bem descrita por Gulley ([2003, p. 361-362](#))⁷:

Por causa de Sua posição Ele é a fonte de todas as outras autoridades. [...] Deus tem autoridade com base em quem Ele é. Ele escolhe profetas e apóstolos que agem como Seus representantes. Eles têm autoridade delegada. [...] A Bíblia é autoritativa como Ele é porque ela representa Suas verdades àqueles que estão distantes dEle. Em certo sentido a Escritura é autoridade delegada porque ela representa a revelação de Deus. Ela pertence a Ele, mas é escrita por humanos sob Sua guia. [...] Suas [dos profetas e apóstolos] palavras humanas são o veículo para comunicar o discurso divino, assim as palavras dos escritores são realmente a Palavra de Deus.⁸

Assim, a tentativa de Wright de fazer sentido entre o relato bíblico da Criação e o evolucionismo coloca a Escritura como mais uma voz autoritativa vinda de Deus, mas não como o supremo

7 As citações oriundas da língua inglesa são traduções livres do autor deste artigo. As citações originais estão dispostas nas notas de rodapé para consulta.

8 "By virtue of His position He is the source of all other authorities. [...] God has authority on the basis of who He is. He chooses prophets and apostles who act as His representatives. They have delegated authority. [...] The Bible is as authoritative as He is because it represents His truths to those who are distant from Him. In one sense Scripture is delegated authority because it represents God's revelation. It belongs to Him, but it is written by humans under His guidance. [...] Their human words are the vehicle to communicate divine speech, so the words of the writers are really the Word of God".

padrão que avalia e julga o conhecimento advindo de outras áreas do saber. Todo o conhecimento tem o seu lugar. Em suas próprias esferas de ação, todo o avanço adquirido pelas ciências é legítimo e útil (BEMMELEN, 2011, p. 49). O problema é quando as declarações de outras áreas do saber humanos tentam subverter as verdades estabelecidas na Palavra de Deus. Ao que parece, toda e qualquer ciência pode criticar os posicionamentos bíblicos, mas o contrário não é verdade. Tendo estabelecido a Bíblia pelo princípio protestante *sola scriptura*, o teólogo comprometido com as Escrituras fará dela o padrão pelo qual qualquer outra verdade será avaliada. Nas palavras de White (2004), a “verdadeira Ciência e a Inspiração se acham em perfeita harmonia”.

Quanto ao segundo pressuposto da argumentação de Wright, qual seja, a exposição de certas fragilidades nas explicações teológicas sobre a origem do mundo frente aos desenvolvimentos da cosmologia científica, Canale (2014, p. 103-106) demonstrou persuasivamente que um dos maiores problemas na tentativa de harmonizar ciência e Bíblia, evolucionismo e o relato da Criação, está na metodologia empregada. Há um conflito epistemológico entre os dois. Tanto a ciência quanto a teologia partem de uma metanarrativa que lhes dá a moldura na qual os dados de cada área são analisados. Apesar de ambas darem explicações racionais, isso não significa que ambas trabalham sob os mesmos pressupostos, os quais, em muitos momentos, são diametralmente opostos. Assim, o flanco que foi exposto pelo evolucionismo não foi, como Wright parece sugerir, uma má compreensão da cosmologia, mas sim uma má compreensão sobre quais bases erigir o empreendimento teológico. Na verdade, esse confronto entre o criacionismo bíblico e o evolucionismo científico abriu a porta para uma reflexão quanto à epistemologia e método teológico.

Em terceiro lugar, a alegação de Wright quanto ao status do conceito de “reino de Deus” como praticamente o único fator unificador para a teologia bíblica deixa de levar em conta duas coisas. A primeira, é o conceito de teologia sinfônica, defendido por Poythress (2016). Em resumo, Poythress advoga a ideia de que na Bíblia encontramos várias perspectivas sobre vários de seus temas centrais. Estas perspectivas não são mutuamente excludentes; antes, elas funcionam como os vários instrumentos de uma orquestra. Por isso, cada perspectiva ajuda a corrigir a outra até que tudo se harmonize, como uma sinfonia. Assim, colocar toda a teologia bíblica sob a égide de um só tema significa perder de vista a diversidade interna das Escrituras e como seus vários temas e doutrinas se harmonizam entre si.

Além disso, de acordo com Yinger (2011, p. 27-28), a contribuição de Wright para a Nova Perspectiva sobre Paulo é que ele acomoda a teologia paulina dentro da narrativa bíblica da obra divina com o povo de Israel. Em outras palavras, a moldura da teologia de Wright é a história da salvação. Ao mesmo tempo, essa história da salvação é analisada através do tema do “reino de Deus”. Conforme apontou Hasel (2007, p. 319), tratando da questão da metodologia no desenvolvimento da teologia do Novo Testamento, a

complexidade das questões compõe-se do fato de que mesmo os eruditos que seguem o mesmo enfoque metodológico da teologia do NT nem sempre concordam, às vezes até em questões básicas. Logo, há uma fusão de métodos. Este fato faz com que seja não só difícil como temerário atribuir determinada teologia a um dado método qualquer.

Assim, apesar de Yinger atribuir à teologia de Wright a metodologia da história da salvação, juntamente com isso, há uma junção com a abordagem temática e isso traz seus próprios problemas. Na abordagem temática, dois princípios se destacam, o da seleção e o da congenialidade. Quanto à seleção, o teólogo elege, com grande grau de subjetividade, o tema principal para seu estudo teológico do Novo Testamento. Já a congenialidade leva em conta os temas paralelos relacionados a esse

tema principal escolhido. O problema é que não parece existir uma base objetiva para a escolha do tema principal. A congenialidade fica restrita ao tema escolhido, ignorando, muitas vezes, completamente outros temas importantes do Novo Testamento. Neste contexto, Hasel (2007, p. 383-384) se pergunta: “Será algum tema suficientemente vasto a ponto de poder englobar dentro de si todas as variedades de pensamento do NT (ou bíblico)? A riqueza da natureza diversificada do material bíblico requer uma abordagem equivalente ao material do qual trata”.

Levando tudo isso em conta, parece temerário analisar toda a teologia do Novo Testamento, como Wright parece fazer aqui, sob o único tema catalisador do “reino de Deus” apesar de sua importância evidente, por exemplo, nos Evangelhos. A abordagem temática precisa levar em conta o conceito de teologia sinfônica se quiser fazer justiça à pluralidade presente na Bíblia em geral e no Novo Testamento em particular. Especialmente ao abordar a discussão de Romanos 5:12-21, os temas da criação e da queda têm de ser levados em conta em seus próprios termos.

Os pontos relacionados diretamente com Romanos 5:12-21 serão discutidos na última seção deste artigo. Aqui nos cabe discutir ainda dois temas: o conceito de “imagem de Deus” e a datação dos livros do Pentateuco. Em relação ao primeiro, é importante notar que não há consenso sobre o seu significado. Há um grande debate sobre como compreender a imagem de Deus com a qual os seres humanos foram criados (FEINBERG, 1972, p. 235-236). Gulley (2012, p. 84-95) destaca seis aspectos: que os seres humanos foram criados de maneira igualitária, assim como os membros da Trindade são iguais; a imagem tem de ver com o domínio de Deus sobre toda a criação que foi dado ao homem para dominar sobre o planeta Terra; há semelhanças físicas entre Deus e os seres humanos; Deus colocou na humanidade os traços de Seu caráter; a humanidade foi criada para viver em comunhão com Seu criador, entre si e com as criaturas; e que a imagem de Deus implica na capacidade do livre-arbítrio.

Por outro lado, para Paulien (2003, p. 23-24), a imagem de Deus envolve três relacionamentos. Ao criar o homem à Sua imagem, Deus demonstra ser seu superior, num relacionamento discipulador. Ao mesmo tempo, Deus cria o homem e a mulher à Sua imagem (Gn 1:26) como iguais; portanto, a imagem de Deus tem um aspecto relacional com os outros seres humanos. Por fim, apesar de os detalhes serem mais bem descritos em Gênesis 2, o homem foi criado em relacionamento com a terra e suas criaturas. A Queda rompeu todos estes relacionamentos e trouxe a morte não só para o primeiro par, como para toda a criação.

Não há espaço aqui para discutir em profundidade a questão⁹. Contudo, é difícil aceitar a premissa de que em Gênesis a expressão “imagem de Deus” tenha a ideia de eleição, conforme defendido por Wright. O que fica claro no primeiro livro do Pentateuco é que a expressão veicula a ideia de que há algo na criação do ser humano que difere ontologicamente da criação de outras criaturas, especialmente dos animais (FEINBERG, 1972, p. 246). Para ver na expressão “imagem de Deus” o tema da eleição é necessário a Wright apelar para a questão da datação e autoria dos primeiros cinco livros da Bíblia.

Desde Wellhausen e o desenvolvimento da chamada “hipótese literária” a autoria e integridade do Pentateuco têm sido questionadas. Contudo, seus principais argumentos já foram refutados, tanto por eruditos bíblicos liberais quanto por estudiosos da ala conservadora. Apesar de haver lugar para alguma atividade editorial e o uso de tradições orais para sua composição, não há razões convincentes para rejeitar a autoria mosaica do Pentateuco (KING, 2001, p. 22-30). Wright parece implicar que a composição tardia do Pentateuco, seguindo a hipótese literária, num período em que o tema da eleição de Israel para ser o povo especial de Deus teve de ser debatido teologicamente

9 Cf. uma breve história da interpretação da expressão “imagem de Deus” em Clines (1968, p. 54-61) e em Matthews (1996, p. 164-172).

(durante o exílio e depois dele), quase que equaliza a ordem de Deus a Adão com o chamado de Abraão posteriormente.

É inegável que há certa continuidade e paralelo entre a ordem divina de multiplicação a Adão no Éden e a eleição de Abraão para também multiplicar-se para ser uma bênção a todas as nações da terra. Matthews (2005, p. 123) traça paralelos entre vários elementos de Gênesis 1-3 não só com o chamado de Abraão, mas com toda a narrativa dos patriarcas subsequentes. Wenham (2003, p. 153), discutindo o posicionamento de Clines sobre a relação entre Gênesis 1-11 e 12-50, destaca o fato de que a narrativa de Abraão, de maneira especial, mostra que Deus insiste no seu plano original delineado na criação e o faz através do patriarca.

Isso tudo corrobora em parte o pressuposto de Wright (2015, p. 44):

É neste ponto que percebo um forte paralelo com o chamado e a vocação do antigo povo de Israel, e é neste ponto que podemos vislumbrar um lampejo de uma nova luz em Adão e na questão das origens. O próprio livro de Gênesis traça este paralelo: a ordem dada a Adão para que fosse frutífero e se multiplicasse transforma-se na promessa feita a Abraão de que Deus iria abençoá-lo, torná-lo frutífero e multiplicá-lo.

Ao deslocar a composição do Pentateuco para o período do exílio ou do pós-exílio, seguindo o método crítico-histórico e a hipótese documentária, Wright defende que a ideia da “imagem de Deus” deva ser equalizada com o chamado de Deus, especialmente por causa do paralelo entre Gênesis 1:28 e 12:3. Há um ritmo em Gênesis de criação, queda, juízo e recriação, e, portanto, uma certa continuidade entre vários temas. Mas a Criação é o ato inaugural. Exegeticamente, o tema da eleição e da aliança são retomados e renovados com base no propósito da criação e não o contrário. Mesmo Dunn (1998, p. 278), que não aceita a historicidade de Adão na discussão paulina de Romanos 5:12-21, critica Wright neste ponto. Para ele, não há base suficiente para “forçar o uso judaico anterior dos temas de Adão e da criação com respeito a Israel para apoiar a tese de que há uma crença apocalíptica considerando Israel como o Último Adão, que provê o ‘pano de fundo correto contra o qual entender a Cristologia Adâmica de Paulo’”¹⁰.

Paulien (2003, p. 34-35, 46) destaca que a descrição e as promessas feitas a Abraão fazem dele, sim, uma espécie de “segundo Adão”. Os três relacionamentos que foram partidos na Queda são agora refeitos na eleição de Abraão: Deus abençoa Abraão, promete-lhe muitos descendentes e a herança da terra. Mas a chave para explicar essa relação está na consistência dos padrões divinos, uma vez que Deus usa a linguagem do passado para explicar o que Ele está fazendo no presente e no futuro. Além disso, apesar de uma consistência interna, isso não quer dizer que Deus não aja de maneiras novas e, muitas vezes, imprevisíveis. A linguagem é do passado, mas as ações são inovadoras. Assim, a eleição de Abraão é feita na linguagem da criação, mas isso não quer dizer que esteja acontecendo um chamado a Adão que segue o padrão do chamado abraâmico. O movimento é do passado para o presente.

O papel de Adão como indivíduo histórico em Romanos 5:12-21 será discutido na próxima seção, mas aqui cabe uma nota sobre a asserção de Wright quanto à ideia de que a morte já existia no momento em que Adão é criado à imagem de Deus. Para Wright (2015, p. 45), a advertência de Gênesis 2:17 deveria ser lida como um aviso de que, se desobedecesse, Adão morreria como as demais criaturas. Contudo, Baldwin (2000, p. 108-109), com base na discussão de Fitzmeyer sobre a relação entre Romanos 5:12 e Romanos 8:20-23, mostra que a injunção da abordagem paulina implica

¹⁰ “to push the earlier Jewish use of Adam and creation motifs in regard to Israel to support the thesis that there is an apocalyptic belief regarding Israel as the Last Adam, which provides ‘the correct background against which to understand Paul’s Adam-Christology’”.

em que a morte é resultado da queda do Adão histórico e, portanto, não existia até então. Nas suas palavras, Paulo “quer que entendamos a morte num sentido universal, incluindo suas dimensões humana, sub-humana, física e espiritual, e que toda a morte primeiro entrou no mundo por meio do pecado humano”.¹¹ Assim, a leitura retroativa feita por Wright não se coaduna nem com o texto de Gênesis, nem com o ensino de Paulo em Romanos.

Nossa avaliação da argumentação de N. T. Wright passa pelas seguintes conclusões. Em primeiro lugar, de uma perspectiva comprometida com a inspiração e autoridade das Escrituras, bem como seu papel como padrão de fé e prática, é temerário tentar fazer uma acomodação entre o relato bíblico e a perspectiva científica evolucionista contrária ao criacionismo das Escrituras. Isso especialmente quando essa acomodação nega ou distorce a história bíblica. Junto a isso, deve-se levar em conta que a metodologia científica e a metodologia teológica têm moldura epistemológica, estrutura interpretativa e dados diferentes com os quais trabalhar.

Em segundo lugar, uma abordagem da história da salvação como método para o estudo do Novo Testamento bem como a abordagem temática devem levar em conta a multiplicidade de temas presentes nos textos bíblicos. Além disso, não se pode deslocar todo o valor para uma determinada perspectiva em detrimento dos aportes feitos por outras temáticas. Não é possível reduzir a complexidade e riqueza da revelação a um único eixo unificador sem olvidar importantes contribuições de outras perspectivas.

Por fim, não é teologicamente possível equalizar a expressão “imagem de Deus” em Gênesis 1:26-28 com o tema da eleição sem ressalvas. A “imagem de Deus” é um conceito importante no relato da criação para mostrar a diferença ontológica entre os seres humanos e as demais criaturas. Apesar de haver ligações entre as duas temáticas, a imagem de Deus está mais ligada ao ato da criação e à antropologia bíblica.

Até aqui nos dedicamos a duas tarefas. A primeira, delinear a argumentação de N. T. Wright sobre a interpretação de Romanos 5:12-21 e o papel do Adão histórico conforme o autor a traçou no livro *Surpreendido pelas escrituras*. A segunda foi avaliar sua argumentação desde um ponto de vista comprometido com a inspiração da Bíblia e sua cosmovisão criacionista. Resta-nos agora tentar entender o papel de Adão na discussão paulina sobre a salvação em Romanos 5:12-21

A ARGUMENTAÇÃO PAULINA EM ROMANOS 5:12-21

A avaliação do papel estrutural de Romanos 5:12-21 difere entre os eruditos. As opiniões podem ser resumidas em duas propostas. Alguns entendem que a expressão *διὰ τοῦτο* relaciona-se apenas à discussão do apóstolo nos versos 1-11 do mesmo capítulo. Outros entendem que a locução indica a conclusão de tudo o que foi exposto desde o início da epístola ([ABERNATHY, 2008, p. 374-375](#)). Moo ([1996, p. 315-316](#)) argumenta que há termos e temas na perícope que se relacionam tanto com a discussão dos primeiros 4 capítulos quanto introduzem ideias que serão desenvolvidas nos capítulos 6-8. Pode-se, portanto, entender o capítulo 5 de Romanos e especialmente sua segunda metade como o ponto pivotal, a transição, da primeira metade da epístola. Ou, como Keener ([2011, p. 73](#)) aponta, pode-se simplesmente dividir o capítulo e entender os primeiros 11 versos como pertencendo à primeira grande seção da carta e os últimos 10 à segunda.

A averiguação que queremos fazer nesta seção consiste em descobrir se a historicidade de Adão é ou não fundamental para a argumentação de Paulo nesta perícope. Nossa pesquisa levantou

11 “intends us to understand death in a universal sense, including its human, subhuman, physical, and spiritual dimensions, and that all death first entered the world by means of human sin”.

três fatores essenciais para a aceitação de Adão como indivíduo histórico na perícopé. Em primeiro lugar, a analogia paulina só faz sentido se Adão for entendido como um ser humano histórico e isso é reconhecido até mesmo por teólogos que tentam fazer uma síntese entre os dados bíblicos e a ciência. Depois, o fato de Paulo apontar Adão como um “tipo” (τύπος) de Cristo implica em sua historicidade. Por fim, apontamos para a próprio apelo de Wright a que se compreenda os livros bíblicos – e neste caso Romanos – em seu contexto histórico como chave para atestar a historicidade de Adão.

Ao longo de toda a perícopé, a expressão “um homem” (ένὸς ἀνθρώπου) pode referir-se tanto a Adão quanto à Jesus. No verso 12, ela faz referência à Adão, apesar de ele ser nomeado apenas no verso 14. A ideia que Paulo expõe é que Adão, por causa de sua desobediência, trouxe as consequências do pecado para todos os seus descendentes. Ele inaugurou, por assim dizer, o reino da morte. Por outro lado, através de Jesus, também “um homem”, a graça e a vida passaram a reinar.

É digno de nota o apelo que Paulo fará aqui a Adão. Se antes, ao mencionar Abraão, Paulo tenta tocar as sensibilidades judaicas de seus leitores, agora ele o faz num apelo ao pai de toda a humanidade, à origem tanto de judeus quanto de gentios. E sua ênfase não passaria despercebida pois, apesar de nas escrituras hebraicas Adão aparecer muito pouco¹², a literatura judaica do Segundo Templo parece ter lhe dado mais proeminência¹³ (KEENER, 1993).

Num primeiro momento, Dunn (1998, p. 217) parece insistir no fato de que Paulo não pode ter em mente algum homem mítico universal, uma vez que em sua discussão anterior, nos capítulos 1-4, o apóstolo refere-se a Moisés, a Abraão e agora, finalmente, a Adão. O ponto que está sendo destacado é a universalidade do pecado e da graça provida por Cristo. Deus é tanto salvador como criador, o que faz com que a argumentação paulina não se restrinja apenas a Israel, mas de toda a humanidade. Contudo, mais à frente, Dunn (1998, p. 289) declara:

Ao mesmo tempo a implicação do argumento não deveria ser tão forçada na direção oposta. Em particular, não seria verdade dizer que o ponto teológico de Paulo depende de Adão ser um indivíduo “histórico” ou sua desobediência ser um evento histórico como tal. Tal implicação não necessariamente se segue do fato de que um paralelo é traçado com o ato singular de Cristo; um ato na história mítica pode estar em paralelo com um ato na história viva sem que o ponto de comparação seja perdido.¹⁴

Na contramão da racionalização de Dunn, Fitzmyer (2008, p. 408) defende que, na discussão paulina de Romanos 5:12-21, Adão é visto como uma figura histórica. Ele entende que em Gênesis a palavra אָדָם é simbólica e representa toda a humanidade. Matthews (1996, p. 163) também reconhece que o emprego de אָדָם no texto veterotestamentário pode veicular a ideia tanto de um indivíduo quanto da humanidade. Assim, em Paulo há tanto a antítese entre o primeiro Adão (indivíduo) e o segundo Adão (Jesus), quanto entre a primeira humanidade, caída, e a segunda humanidade inaugurada pela vida e morte de Jesus Cristo.

12 Com exceção do relato de Gênesis 1-3, אָדָם, em referência ao Adão histórico, ocorre apenas na história de Caim e Abel (Gn 4:1, 25), nas genealogias (Gn 5:1-5; 1Cr 1:1) e em Oseias 6:7. Algumas traduções (a Almeida Revista e Atualizada, por exemplo) vertem אָדָם em Jó 31:33 como Adão, mas no original hebraico o uso do vocábulo é ambíguo.

13 Cf. Kruse (2012, p. 255-256) para ler excertos da literatura judaica contemporânea a Paulo que mostra o interesse judaico pela figura de Adão e Eva e a sua responsabilidade em trazer o pecado e a morte ao mundo.

14 “At the same time the implication of the argument should not be pushed too far in the opposite direction. In particular, it would not be true to say that Paul’s theological point here depends on Adam being a ‘historical’ individual or on his disobedience being a historical event as such. Such an implication does not necessarily follow from the fact that a parallel is drawn with Christ’s single act: an act in mythic history can be paralleled to an act in living history without the point of comparison being lost”.

Há de se ressaltar, porém, que, mais a frente, Fitzmyer (2008, p. 410) contenderá que Paulo compreende Adão como personagem literário, única e exclusivamente como uma figura de Jesus. O ponto aqui é que ele reconhece que, na argumentação paulina, Adão precisa ser entendido como personagem histórico ou a comparação feita por Paulo perde o significado. O contraste entre o “um homem” que trouxe o pecado e o “um homem” Cristo implica em que Adão seja um indivíduo histórico tanto quanto Jesus.

A estrutura argumentativa em Romanos reforça o aspecto historizador da argumentação paulina. Paulo começa com a culpa dos gentios (Rm 1:18-32), depois a culpa dos judeus (Rm 2:17-24), até chegar a culpa universal em Romanos 3:9-17. Aqui, Paulo introduz sua tese da justificação pela fé (Rm 3:21-31) e passa a explicá-la com personagens históricos: Abraão, o grande patriarca de Israel, e Davi, o rei de Israel por excelência (Rm 4:1-25). Como se não bastasse, o apóstolo vai além e explica a culpa universal com personagens históricos: Adão o patriarca universal, e Jesus, o rei universal (Rm 5:12-21).¹⁵

Assim, o contraste entre Adão e Cristo conforme articulado por Paulo exige que o “um homem” de Romanos 5:12-21, ao referir-se a Adão, seja compreendido como um indivíduo histórico. Mesmo Stott (2001, p. 163), apesar de tentar fazer a mesma síntese entre os dados bíblicos e os achados científicos, reconhece que a Bíblia “claramente pretende que aceitemos sua [de Adão e Eva] historicidade como o par humano original. [...] e em particular a cuidadosa analogia construída por Paulo entre Adão e Cristo depende para sua validade da historicidade igual de ambos”¹⁶.

Passemos ao papel da tipologia em Romanos 5:12-21. Há uma abordagem tipológica na argumentação paulina, visível no verso 14. O apóstolo deixa claro que Adão tipificava aquele que haveria de vir, no caso, Jesus. A expressão “daquele que viria” (τοῦ μέλλοντος) é um eufemismo para o título messias (cf. Mc 11:9). Adão prefigura Cristo no sentido de que seu ato desobediência teve efeitos universais, assim como o que Jesus fez teve alcance universal. O restante da passagem¹⁷ é uma explicação desse relacionamento tipológico entre o primeiro e o segundo Adão (OSBORNE, 2004, p. 141). Dunn (1998, p. 276-277) inclusive critica a interpretação que tenta ver aqui uma analogia

15 Devo a Flávio Souza a argumentação desse parágrafo.

16 “clearly intends us to accept their historicity as the original human pair. [...] and in particular Paul’s carefully constructed analogy between Adam and Christ depends for its validity on the equal historicity of both”.

17 Hultgren (2011, p. 228-229) declara que o contraste entre Adão e Cristo em Romanos 5:12-21 não é sempre patente, mas é especialmente visível nos versos 18-19. Ele mostra os contrastes como segue:

5:18

ὡς δι’ ἐνός
παραπτώματος
εἰς πάντας ἀνθρώπους
εἰς κατάκριμα,

Como por uma
transgressão
[houve]
para todos os homens
condenação,

οὕτως καὶ δι’ ἐνός
δικαιώματος
εἰς πάντας ἀνθρώπους
εἰς δικαίωσιν ζωῆς

assim também um
ato de justiça
[houve]
para todos os homens.
justificação que traz vida

5:19

ὥσπερ γὰρ διὰ τῆς παρακοῆς
τοῦ ἐνός ἀνθρώπου
ἀμαρτωλοὶ
κατεστάθησαν οἱ πολλοί,

Assim como por meio da desobediência
de um só homem [Adão]
muitos
foram feitos
pecadores,

οὕτως καὶ διὰ τῆς ὑπακοῆς
τοῦ ἐνός
δίκαιοι
κατασταθήσονται οἱ πολλοί.

assim também, por meio da obediência
de um [Cristo]
muitos
serão feitos
justos.

que se refira a cada ser humano. O τύπος é um evento ou pessoa que provê um padrão escatológico. Por sua própria natureza, a tipologia “fundamentalmente pressupõe história” (KÄSEMANN, 1994, p. 142).

De fato, em seu estudo sobre as estruturas tipológicas do Novo Testamento, Davidson (1981) demonstrou que, de uma perspectiva canônica, o τύπος é sempre um evento, instituição ou personagem histórico que prefigura realidades inauguradas no ministério de Cristo, vividas na igreja e que serão consumadas escatologicamente. Nas palavras de Fitzmyer (2008, p. 406), “assim como o pecado de Adão introduziu as sinistras consequências para toda a humanidade histórica, assim a justificação trazida por Jesus Cristo afetou aquelas consequências para o bem e para a salvação. Assim, Adão e Cristão são tipo e antítipo”.

Assim, o caráter tipológico da passagem não permite que vejamos aqui outra coisa que não um Adão histórico. Uma vez que o método tipológico, em parte baseado nesta perícopes, depende da historicidade do tipo, a compreensão da perícopes de Romanos 5:12-21 deve levar em conta esse entendimento.

Por fim, o terceiro ponto é que a concepção de Adão como mito é uma construção relativamente nova. Não é possível impor esta noção à Paulo, um judeu convertido ao cristianismo do primeiro século d. C. Nas palavras de Barrett (1991, p. 103)

Paulo, um judeu do primeiro século, aceitava Gn 1-3 como uma narrativa direta dos eventos que realmente aconteceram. Ele também via nestes capítulos um relato teológico do pecado que lhe deu uma ferramenta com a qual ele poderia analisar o estado da sociedade humana e do coração humano.¹⁸

Em seu estudo sobre o possível pano de fundo para entendermos a perspectiva paulina quanto a Adão, Kreitzer (1989, p. 57-68) enfatiza três possibilidades: o pano de fundo judaico-rabínico, incluído aqui as escrituras hebraicas, com sua especulação sobre Adão; o pano de fundo helenístico e a mitologia do homem primevo; e a especulação judaica do homem celestial, praticamente uma síntese entre o judaísmo rabínico e o helenismo. Sua conclusão é que o pano de fundo judaico é mais próprio para se entender a argumentação de Paulo, apesar de ser inegável que o apóstolo conhecia outras perspectivas e que ele não se alinhava completamente com as interpretações rabínicas de seus dias. Além disso, para Kreitzer (1989, p. 87), o “pano de fundo mais provável para o pensamento adâmico de Paulo é o próprio Antigo Testamento. Apesar de não podermos excluir completamente outras correntes de influência sobre o pensamento de Paulo o núcleo da analogia Adão/Cristo deve ser encontrado nas histórias de Adão em Gênesis 1-3”¹⁹.

Ao fazer um apelo para que os livros bíblicos sejam interpretados em seu contexto histórico e não seguir o próprio conselho, Wright (2015, p. 38) faz todo o seu raciocínio desmoronar. Colocado contra seu pano de fundo cultural e religioso inegável, Paulo não teria visto Adão em Gênesis apenas como um símbolo da humanidade, apesar de a ideia de representatividade esteja presente. Como diz Matera (2010, p. 137), é inevitável a conclusão de que Paulo simplesmente assume que Adão foi uma figura histórica.

Para Murray (1968, p. 181, n. 18), é uma monstruosidade exegética não levar em conta Paulo em seus próprios termos: nós “deixamos de ser exegetas quando tentamos colocar o ensino de Paulo

18 “Paul, a first-century Jew, accepted Gen. 1–3 as a straightforward narrative of events that really happened. He also saw in these chapters a theological account of sin which gave him a tool by means of which he could analyse the state of human society and the human heart”.

19 “The most likely background to Paul’s Adamic thought is the Old Testament itself. Although we cannot rule out completely other streams of influence upon Paul’s thought the core of the Adam/Christ analogy is to be found in the Adam stories of Genesis 1-3”.

em outros moldes que não os seus próprios”.²⁰ A comparação entre Adão e Cristo é tão fundamental, que a mínima interferência nos dados trazidos à tona pelo apóstolo faz ruir toda a sua argumentação, ao contrário da racionalização de Wright.

CONCLUSÃO

Neste artigo, abordamos a argumentação de N. T. Wright quanto à historicidade de Adão e seu papel para a interpretação de Romanos 5:12-21. Na primeira parte, delineamos passo a passo o seu argumento, conforme exposto pelo autor no segundo capítulo de sua obra *Surpreendido pelas Escrituras*. Vimos que a inovação de sua argumentação foi ver em Adão um hominídeo no qual Deus colocou Sua imagem, entendida como um chamado, uma eleição, como Israel foi eleito entre às nações para refletir o caráter de Deus. Claramente Wright tenta fazer uma síntese da teologia bíblica com a interpretação evolucionista da origem do homem.

Em seguida, tentamos apontar falhas nos pressupostos usados por Wright para chegar a essa conclusão. Em primeiro lugar, destacamos que, do ponto de vista cristão comprometido com a inspiração das Escrituras, a Bíblia tem autoridade por ser a palavra de Deus. Ela é o filtro pelo qual todo o ensino deve ser avaliado. Pontuamos também que há diferenças significativas entre o método teológico e o método científico que são, em alguns momentos, impassíveis de reconciliação. Outra questão importante foi entender que na metodologia usada por Wright, o tema do “reino de Deus” é usado para suprimir o tema da criação e queda presente na perícopes de Romanos 5:12-21. Além disso, a negação da autoria mosaica e uma má compreensão do conceito de “imagem de Deus” também contribuíram para a interpretação do autor sobre o que está em jogo na discussão paulina.

Por fim, apontamos três razões pelas quais a historicidade de Adão precisa ser levada em conta para que a argumentação de Paulo em Romanos 5:12-21 faça sentido. Primeiro, a antítese que o apóstolo faz entre Cristo e Adão só tem significado se os dois personagens forem vistos como indivíduos históricos. Depois, a tipologia, que parece ser a chave hermenêutica usada por Paulo para traçar a correlação entre Cristo e Adão pressupõe a historicidade do tipo. Finalmente, é imprescindível compreender que Paulo tomava as histórias de Gênesis 1-3 como fatos históricos. Apesar de isso passar a ser contestado a partir do Iluminismo, a noção mítica da história primeva não pode ser imposta retroativamente ao apóstolo.

Precisamos de um Adão histórico! Precisamos de um Adão histórico para sermos fiéis à revelação bíblica e ao relato inspirado da Criação. Precisamos de um Adão histórico para sermos coerentes com a argumentação apostólica em Romanos 5:12-21. Precisamos de um Adão histórico para colocarmos os olhos sobre o segundo Adão, que nos resgatou dos efeitos da Queda e nos salvou para a glória e louvor do nome de Deus.

REFERÊNCIAS

ABERNATHY, D. **An exegetical summary of Romans 1-8**. 2. ed. Dallas: SIL International, 2008.

BALDWIN, J. T. The geologic column and calvary: the rainbow connection - implications for an Evangelical understanding of the atonement. *In*: BALDWIN, J. T. (Ed.). **Creation, catastrophe, and calvary: why a global Flood is vital to the doctrine of atonement**. Hagerstown: Review and Herald, 2000. p. 108-123.

²⁰ “We cease to be exegetes when we try to pour Paul’s teaching into moulds other than his own”.

BARRETT, C. K. **The epistle to the Romans**. London: Continuum, 1991.

BEMMELEN, P. M. Revelação e inspiração. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia**: adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 26-66.

BIOLOGOS. What we believe. **BioLogos**, 2017. Disponível em: <<http://biologos.org/about-us/our-mission/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

BYASSE, J. Surprised by Wright. **Christianity Today**, v. 58, n. 3, abr. 2014. p. 36-43.

CANALE, F. **Criação, evolução e teologia**: uma introdução aos métodos científico e teológico. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2014.

CLINES, David J. A. The image of God in man. **Tyndale Bulletin**, Cambridge, v. 19. p. 53-103, 1968.

DAVIDSON, R. M. **Typology in Scripture**: a study of hermeneutical *τυπος* structures. Berrien Springs: Andrews University Press, 1981.

DAVIDSON, R. M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia**: adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

DUNN, J. D. G. **Romans 1-8**. Dallas: Word, 1998.

FEINBERG, C. L. Image of God. **Bibliotheca Sacra**, Dallas, v. 129, n. 515. p. 235-246, 1972.

FITZMYER, J. A. **Romans**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

GULLEY, N. **Systematic theology**: prolegomena. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003. v. 1.

GULLEY, N. **Systematic theology**: creation, Christ, salvation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2012. v. 3.

HASEL, G. F. **Teologia do Antigo e Novo Testamento**: questões básicas no debate atual. Tradução de Luís M. Sander e Jussara Marindir P. S. Arias. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

HULTGREN, A. J. **Paul's letter to the Romans**: a commentary. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2011.

KÄSEMANN, E. **Commentary on Romans**. Tradução de Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

KEENER, C. S. **The IVP Bible background commentary**: New Testament. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993.

KEENER, C. S. **Romans**. Cambridge: The Lutterworth Press, 2011. (New Covenant Commentary Series).

- KING, G. A. The documentary hypothesis. **Journal of the Adventist Theological Society**, Berrien Springs, v. 12, n. 1. p. 22-30, 2001.
- KREITZER, L. J. Christ and second Adam in Paul. **Communio viatorum**, Praga, v. 32, n. 1-2. p. 55-101, 1989.
- KRUSE, C. G. **Paul's letter to the Romans**. Cambridge; Nottingham; Grand Rapids: Eerdmans; Apollos, 2012.
- MATERA, Frank J. **Romans**. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.
- MATTHEWS, K. A. **Genesis 1-11:26**. Nashville: Broadman & Holman, 1996. v. 1A.
- MATTHEWS, K. A. **Genesis 11:27-50:26**. Nashville: Broadman & Holman, 2005. v. 1B.
- MOO, D. J. **The epistle to the Romans**. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 1996.
- MURRAY, J. **The epistle to the Romans: the English text with introduction, exposition, and notes**. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 1968. v. 1.
- OSBORNE, G. R. **Romans**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2004.
- PAULIEN, J. **Meet God again for the first time**. Hagerstown: Review and Herald, 2003.
- POYTHRESS, V. S. **Teologia sinfônica: a validade das múltiplas perspectivas em teologia**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion**. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- STOTT, J. **The message of Romans: God's good news for the world**. Leicester; Downers Grove: InterVarsity Press, 2001.
- VENEMA, C. P. N. T. Wright on Romans 5:12-21 and justification: a case study in exegesis, theological method, and the "new perspective on Paul". **Mid-America Journal of Theology**, Dyer, v. 16. p. 29-81, 2005.
- WENHAM, G. J. **Exploring the Old Testament: the Pentateuch**. London: SPCK, 2003. v. 1.
- WHITE, E. G. **Mensagem aos jovens**. 13. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WRIGHT, N. T. The letter to the Romans. In: KECK, L. E. (Ed.). **The new interpreter's Bible**. Nashville: Abingdon Press, 2002. v. 10.
- WRIGHT, N. T. **Scripture and the authority of God**. London: SPCK, 2005.
- WRIGHT, N. T. **Surprised by Scripture: engaging contemporary issues**. New York: HarperCollins, 2014.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pelas Escrituras**: questões atuais desafiadoras. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

YINGER, Kent L. **The new perspective on Paul**: an introduction. Eugene: Cascade Books, 2011.